

A PREGAÇÃO DOS TRADICIONALISTAS



Wélcí Nascimento

Welci Nascimento

A Pregação dos Tradicionalistas



Passo Fundo
2012

Welci Nascimento

A Pregação dos Tradicionalistas

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Tradicionalismo, -Passo Fundo: Gráfica Luis, 1999. 18p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste livro NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a referida citação de autoria.

Este trabalho está licenciado sob a Licença:

[Creative Commons Atribuição-Compartilhaligual 3.0 Nao Adaptada.](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA

Revisado pelo Autor em: 27/04/2012

N244p Nascimento, Welci

A pregação dos tradicionalistas [recurso eletrônico] / Welci Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-51-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Cultura popular. 2. Gauchos – Rio Grande do Sul – Usos e costumes. 3. Centro de Tradições Gaúchas – História. I. Título.

CDU: 398(816.5)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
APRESENTAÇÃO	9
O CENÁRIO GAÚCHO	11
PERSPECTIVA LITERÁRIA	13
SOMOS DIFERENTES?	14
TRADIÇÕES GAÚCHAS	15
O TRADICIONALISMO GAÚCHO	17
ATUAL PATRONAGEM DO CTG LALAU MIRANDA	21
FONTES DE CONSULTA.....	24

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é dedicado ao CTG Lalau Miranda em comemoração aos seus 47 anos de fundação. Em 24 de março de 1952 um grupo de intelectuais, jornalistas, poetas, professores, escritores, advogados juntos com pecuaristas, gente do comércio e da indústria, todos gaúchos de “quatro costados”, com base nos estatutos do “35 CTG” de Porto Alegre erguem um centro de tradições em Passo Fundo com a denominação de “**CTG LALAU MIRANDA**”, homenageando um antigo pecuarista, Estanislau de Barras Miranda, (nascido em Passo Fundo em 1853, filho de Francisco de Barras Miranda), tenente-coronel da Guarda Nacional que participou na Guerra do Paraguai e que emprestou seu campo para invernar a cavalaria que alimentava as batalhas.

Quer lembrar, também, um dos fatos culturais mais importantes ocorrido no Rio Grande do Sul- o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, cujas marcas foram a criação da CHAMA CRIOLA, em 1947 e a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas o “35 CTG”, em 1948, na Capital do Rio Grande do Sul.

Passo Fundo, janeiro de 1999.

O CENÁRIO GAÚCHO

No tempo em que o Rio Grande do Sul não tinha solução de continuidade, em que as estâncias estavam em comum, o gaúcho, no cenário aberto das enormes coxilhas, era mais um aventureiro.

Manoelito de Ornellas, escritos gaúcho, ao descrever o tipo humano do Pampa Gaúcha assim se expressa: “Tinha ele suas lidas no lombo do cavalo e todas as suas atitudes derivavam de sua obrigatória condição de pastor e ginete. Daí, sua condição nômade...”

“O changador” relatou Glaucus Saraiva, “foi a imagem perfeita do pré-gaúcho”. Era o homem que, saciada a sede de couro e de sebo do mercado europeu, garroteava o gado abandonado pelos jesuítas nas campanhas do sul, desde as Vacarias dos Pinheirais, até as Vacarias do Mar...” Despreocupado com o que poderia sobrar da rês abatida ele abandonava aos urubus tudo o que não fosse couro e o sebo animal.

Nômade, solitário, cortava os campos da Campanha de Cima da Serra, das Missões ou da Depressão central, carneando o gado e encaminhando ao caminho do contrabando, de que recebia polpudas libras inglesas. O nome deste tipo social não tem lá sua origem perfeitamente definida, embora suas atividades tenham sido a primeira e principal causa da formação da cultura gaúcha. O cavalo foi o seu primeiro meio de locomoção, instrumento de trabalho e único amigo. Aprendeu nas lutas diárias a enfrentar, não só o tempo, com as constantes guerras, o que tornou um guerreiro indomável. Filho de espanhóis, portugueses de mestiços com índias, este tipo humano sublime viu chegar a época de charqueadas, uma forma de aproveitar quase toda a carne da rês abatida.

Com o tempo, os campos foram demarcados, medidos e cercados. Formando-se as estâncias. O gaudério nômade, ganhou querência e volta-se para as lidas campeiras. Nasce o gaúcho, resultado do pastoreio e das guerras do Rio Grande do Sul como na Argentina e no Uruguai identificados pelas mesmas raízes do Pampa.

O Ri Grande, guerreiro, tinha tudo para sê-lo: homens livres e cavalo. Por isso, o nobre animal, utilizado tanto na guerra como no passeio, trabalho e esporte, está intimamente ligado ao rio-grandense do sul, fazendo parte das suas tradições e servindo à inspiração de tantos poetas e poetisas.

O cavalo gerou caudilhos e grande parte das ambições políticas do Rio Grande do Sul. Andar a cavalo constituíra suprema ventura para os habitantes sulinos. Não ter cavalo, sempre foi símbolo da maior miséria na campanha gaúcha, como no dizer desta quadrinha popular:

“O tatu foi encontrado
Prás bandas de São Sepé
Mui aflito e mui pobre
De freio na mão; a pé...”

O amor do gaúcho pelo cavalo, era tão grande que ele colocava ao par da mulher amada, como nestes versos:

“Tou velho, tive bom gosto
Morro quando quiser
Duas penas levo comigo
Cavalo bom e mulher”.



PERSPECTIVA LITERÁRIA

O Rio Grande do Sul sempre sustentou ferrenhas lutas para demarcar terras e manter as linhas no extremo sul do Brasil. Foram lutas travadas contra os interesses estrangeiros que queriam fazer valer seu domínio. Ele lutou, também, contra seus próprios irmãos e se declarou república Rio Grandense, libertando a Província do regime monárquico. Por dez anos, a República foi implantada e uma nova bandeira foi desfraldada nas coxilhas do Pampa. Retornada à normalidade, o gaúcho foi chamado à participar da guerra contra o Paraguai. Muito sangue foi derramado, muitas vítimas tombadas.

No final do século XIX, o Rio Grande sustenta uma das revoluções civis mais sangrentas do Brasil, a Revolução Federalista. Grande parte da população foi dizimada na luta fratricida entre pica-paus e maragatos. Em seguida vieram as revoluções de 1923/24, 30 e 32.

Na primeira década do século passado começam a chegar os imigrantes. Primeiros os alemães, depois os italianos e poloneses que passam a transmitir a cultura original das suas terras e assimilar os usos e costumes do povo rio-grandense. Desta mescla étnica surge o gaúcho de hoje, cheio de sentimentos nativistas, orgulhoso do seu pago e dos seus usos e costumes, que, aos poucos, com o passar dos anos, de pai para filho, de geração foram transmitidos, dando lugar à tradição.



SOMOS DIFERENTES?

Perante certos tipos de irmão brasileiros, o gaúcho parece ser diferente. Não raro, é considerado um gigante no trabalho, empreendedor e progressista.

Dizem historiadores que essa diferença decorre pelo nosso isolamento geográfico, pela natureza e formação de solo, pelo clima de alternâncias bruscas e pelas influências étnicas que formaram sua personalidade.

O nosso linguajar e os nossos costumes, por exemplo, foram influenciados pelos espanhóis, portugueses, índios, negros, e a partir do século passado, pelos imigrantes alemães e italianos que, entrelaçados num mesmo meio, fatores diversos, formaram um conjunto colorido, enriquecendo nossos costumes.

Por outro lado, o destino geográfico, colocando o Rio Grande do Sul no extremo sul do Brasil, deu-lhe o árduo papel de ser o eterno vanguardeiro da nossa dignidade cívica.

Euclides da Cunha, o nervoso o estilista tropical dos “Sertões” descreve o gaúcho e o aspecto notável de seu caráter, diferenciando-o das populações do nordeste, desta maneira: “O Gaúcho, o peleador valente é , certamente, inimitável...”

O poeta pajador nativista Jaime Caetano Braum, numa entrevista a imprensa em 1982, disse a cerca do Rio Grande e sua gente: “O Rio Grande do Sul é um país diferente do restante do Brasil”.

O Governo Imperial considerava o Rio Grande do Sul o “Sentinela da Pátria”, uma vez que aqui desenvolviam-se os combates entre Espanha e Portugal, da qual resultaram tantos países de língua espanhola e , somente um, de língua portuguesa.

Costuma-se dizer, por aqui, que o gaúcho é brasileiro de teimoso e que foi por opção que escolhemos uma nacionalidade. Bem que poderíamos ter sido argentinos ou uruguaios, se não lutássemos, defendendo fronteiras.

TRADIÇÕES GAÚCHAS

Tradição é o ato de transmitir. Transmite-se valores, conhecimentos. É recordação, memória. A tradição se transmite de geração em geração. No plural, significa o rico acervo cultural e moral de um povo. Em se tratando do rio Grande do Sul temos um rico acervo cultural sintetizado na música, nas danças, no artesanato, na literatura, no modo de vestir e nas atividades campeiras.

O grande escritor gaúcho Augusto Mayer disse: “Tradição é um desejo de claridade”. Foi exatamente este desejo de claridade que fez surgir, na década de 20 deste século, que ora está findando, um movimento no Rio Grande do Sul, denominado Regionalismo Literário, uma espécie de pré-movimento tradicionalista gaúcho trazendo à tona a cultura gaúcha que estava prestes a desaparecer. O gaúcho estaria morrendo, no dizer do crítico literário Guilhermino César?

A verdade porém, é que o gaúcho já não era o mesmo, no dizer do escritor Roque Callage, em 1919: “O gaúcho tem outro tombo na andadura...” E arrematava: “é mais por um tocante respeito ao passado, por um mero sentimento de apego à herança avorenca, do que por imposição de hábitos que vêm-lo enfiar o poncho e as botas, reatar o lenço colorado no pescoço, arrastando as chilenas barulhentas...”

“O gaúcho, na sua significação primitiva, era mais um fantasma entre os mortos, rumo à estância erma, justamente de onde saíra, com lances de bravura e com a faceirice de seu pingo, diziam os poetas e escritores gaúchos, no início deste século. E arrematavam: !Chegamos a um estado social onde os costumes estão sendo apagados e que só fica no coração do gaúcho a saudade pelo orgulho do passado heroico...”

Havia, nessa época, um imobilismo cultural que, no entanto, foi sacudido pela pujante corrente literária gaúcha composta de nomes como Darcy Azambuja, escritor que arrebatou o ambicionado prêmio, em 1925, na Academia Brasileira de Letras com o livro: “No Galpão”, como Vargas Netto, autor do clássico “Tropilha Crioula”, de João Pinto da Silva que alertava para a necessidade dos rio-grandenses e dos latinos americanos de manterem viva as nossas tradições (Almanaque do Globo, 1918, p. 15). Já m plena Guerra do Paragauai, em 1868, um grupo de intelectuais gaúchos formou uma instituição cultural, em Porto Alegre, chamado de Partenon Literário, que procurava reavivar a chama nativista gaúcha, surgindo agremiações, na capital e no interior do Estado, com a

denominação de Grêmio Gaúcho, com a finalidade de cultuaras tradições do povo rio-grandense. Era uma antevisão embora elitizada, dos nossos CTGs.

O TRADICIONALISMO GAÚCHO

Terminada a 2ª Guerra mundial, na metade da década de 40, o Brasil entra numa nova fase, influenciado pela cultura norte-americana, os grandes vencedores da batalha.

Embora o esforço dos escritores regionalistas e dos grêmios gaúchos (poucos), a cultura gaúcha estava esquecida e quase apagada na memória do povo. Havia, como no passado, um imobilismo cultural no Rio Grande do Sul. Em consequência, a cultura estrangeira assumia a seu papel através da música, do modo de vestir, e dos meios de comunicação. Era preciso sacudir o Rio Grande, fazendo com que o seu povo viesse a cultuar suas tradições e não deixar morrer o ardor por sua terra.

Vai daí, que um grupo de jovens estudantes do tradicional colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre, quase todos vindos do interior do Estado, resolve criar um Departamento Cultural no Colégio para cultuar as tradições do povo gaúcho, seus usos e costumes, chegando ao ponto de, na garupa do Fogo Simbólico Nacional, criar a Chama Crioula Riograndense, fundar e organizar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o “35 CTG”, na capital do Estado, sob a orientação e comando dos jovens Paixão Cortês, Ciro Dutra Ferreira, Orlando Degrazia, João Machado Vieira, Ciro Dias da Costa, Cilço Campos, Antônio Siqueira, Fernando Machado Vieira, Barbosa Lessa, Wilmar W. de Souza, Glaucus Saraiva, entre outros.

O “35 CTG” dinamizou de tal forma o culto às tradições que passou a ser alvo das atenções, primeiramente das principais cidades gaúchas, em seguida atingindo todo o Rio Grande e atravessando suas fronteiras, onde havia uma comunidade formada de famílias de gaúchos, migrados para outros estados da Federação.

A partir de 1954, os CTGs começam a se reunir, anualmente, em congressos tradicionalistas, onde deliberam seus interesses e exigem uma coordenação.

Dessa forma, por ocasião de XII Congresso tradicionalista realizado na cidade de Tramandaí, é fundado o MTG- Movimento Tradicionalista Gaúcho que passa a congregr todas as entidades tradicionalistas, dirigidas por um coordenador.

O MTG passa a ser o catalisador, o disciplinador e o orientador das atividades dos CTGs, dos quadros de laçadores, dos departamentos tradicionalistas, dos grupos folclóricos, no que diz respeito o que

preconiza, a Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho, constituindo-se no maior organismo cívico-sócio-cultural do Brasil.

O que antes era vergonha usar, hoje, não é mais. A bombacha, as botas, o lenço branco ou colorado e as camisas coloridas do seu CTG, já se integram na vida do dia a dia da juventude.

Hoje, essa juventude mostra grande interesse pelo folclore e pelo gauchismo. É, no dizer de Barbosa Lessa, “a pregação dos tradicionalistas de primeira arrancada, logo após o término da segunda Guerra Mundial, que resulta em tudo o que está aí”.

Da mesma forma que os jovens de bombacha e alpargatas, no informalismo dos festivais nativistas, espontaneamente, fazem cultura, um grupo, também de jovens contando causos, nos fins de tarde, tomando chimarrão, convocavam, no final da década de 1946, seus colegas ginasianos e o povo rio-grandense para uma ação afirmativa, criando o primeiro CTG.

Ciro Dutra Ferreira, em carta endereçada à revista “A Carreteira” editada pela 7ª Região Tradicionalista, assim contava sobre a instalação do Departamento de Tradição no Colégio Júlio de Castilhos, em porto alegre: “Certamente não imaginavam que estariam projetando a criação de centro de tradições gaúchas, pois tudo veio vindo de vagarito, tomando vulto e formas, numa explosão de entusiasmo, próprio da idade, onde quando um dava uma ideia, outro, de pronto, a apoiava e aplicava”.

O CTG, quando autêntico, torna-se uma espécie de clube, com feições de estância, em que o Presidente chama-se Patrão e os departamentos são invernadas, os associados são os peões e prendas que se organizavam em invernadas, espécies de centros culturais, associados à poesia, à música, às danças e às lidas campeiras, em suas expressões locais.

Desses centros, nasceram os festivais da música gaúcha, espalhados pelo interior do Rio Grande, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso, nasceram os rodeios crioulos, ponto de encontro do homem campeiro, cuja sementeira é a bela Vacaria que, por sua vez, serviu de modelo para outros tantos que se realizavam dentro e fora do Rio Grande.

“Quando se funda um CTG é sinal que se deseja encontrar com as nossas raízes, que já se perderam e para ajudar a construir o futuro do Rio Grande do Sul, segundo sua “carta”, por meio de ações que o povo pratica afirmando o núcleo cultural”, disse Barbosa Lessa, certa feita, a um grupo de jovens em Passo Fundo. Enfatizava ele: “Duas coisas devemos fazer para que o esforço cultural até aqui realizado não se torne uma



experiência fracassada. “Primeiro, dar atenção às novas gerações, operando com muita força na criança e no adolescente para que o tradicionalismo não desapareça com as gerações dos velhos. Segundo, cuidar da área campeira, sob pena de mantermos uma tradição de fantasia”.

Há quem diga que a única coisa que pode salvar um povo de colonialismo e nos levar às origens, é o culto às nossas tradições, sejam elas gaúchas ou nordestinas.

Os CTGs e todas as manifestações gaúchas procuram desenvolver às pessoas o que elas perderam ou temem perder: O Pago das gerações dos seus ancestrais.

Passados 50 anos, podemos perceber que o Movimento Tradicionalista Gaúcho, fruto do arrojo e do espírito cívico-cultural de um grupo de jovens, no ano de 1947, criando a primeira Ronda Crioula Riograndense, é uma experiência social que deu certo, porque tomou conta do coração de todos os gaúchos e gaúchas.

LALAU MIRANDA fundado em 24 de março de 1952, vem, desde essa época cultuando as mais nobres tradições do povo rio-grandense do sul, usando como veículos as suas danças, a música, o vestuário, as trovas, os passos da chula, revivendo o passado pelas feitas da nossa história, contados em prosa e versos, nos fandangos e nos rodeios, enfim, reativando os usos e costumes da Pampa Gaúcha.





Figura 1 O Patrão Miguel Lopes dos Santos com sua invernada artística. No fundo, o velho e histórico Galpão, construído no início da década de 50.

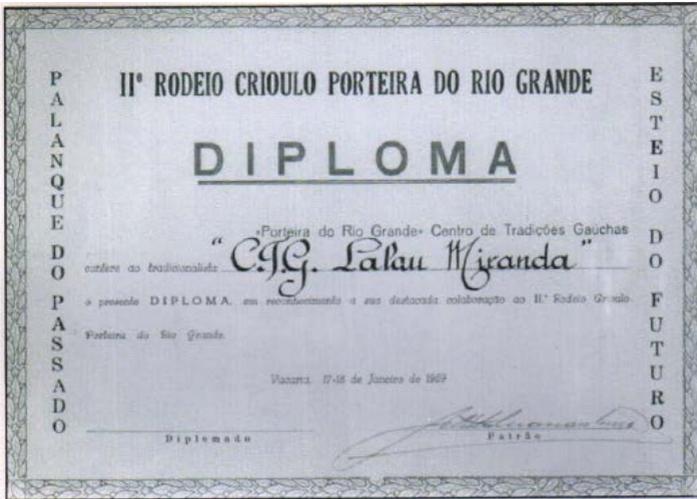


Figura 2 Diploma de participação do CTG Lalau Miranda, no II Rodeio Crioulo Porteira do Rio Grande de Vacaria (1959).



Figura 3 Peões e Prendas do CTG Lalau Miranda numa roda de chimarrão (1954)



Figura 4



Figura 5 A invernada artística do CTG Lalau Miranda se apresentando na Rádio Farroupilha, em 1957 (da esquerda para direita: Darcy Fagundes, Marlene e Ivo Paim)



Figura 7



Figura 6

ATUAL PATRONAGEM DO CTG LALAU MIRANDA

Patrão: Aires Rampazzo

1º Capataz: Neudi Signori

2º Capataz: Valdir Lorenceti

1º Sota Capataz: Cleomar Bruni

2º Sota Capataz: José Ricardo Barbosa

1º Agreg. Chelpas: Antônio R. Bolcione

2º Agreg. Chelpas: Jorge Casteli

Patrão Conselheiro: Nelson Quadros

Presidente do Conselho: Helmuth Matzembercker

Conselheiros: Luiz Braulla

Roberto Dal' Forno

Carlos Doneda

Sérgio Dall' Agnol

Moacir Bergamo

Edegar Auzolin

FONTES DE CONSULTA

- 1) Estudos Rio-Grandenses- Rubem Barcelos
- 2) Gaúchas e Beduínos- Manoelito Cernellas
- 3) O Sentido do tradicionalismo- Barbosa Lessa
- 4) Chama Crioula- 50 anos- Paixão Côrtes
- 5) Nativismo- Um Fenômeno Social- Barbosa Lessa
- 6) Cadernos Culturais do C. do Povo
- 7) Arquivos do CTG Lalau Miranda



Índice de ilustrações

Figura 1 O Patrão Miguel Lopes dos Santos com sua internada artística. No fundo, o velho e histórico Galpão, construído no início da década de 50.	20
Figura 2 Diploma de participação do CTG Lalau Miranda, no II Rodeio Crioulo Porteira do Rio Grande de Vacaria (1959).....	21
Figura 3 Peões e Prendas do CTG Lalau Miranda numa roda de chimarrão (1954).....	21
Figura 4.....	22
Figura 5 A internada artística do CTG Lalau Miranda se apresentando na Rádio Farroupilha, em 1957 (da esquerda para direita: Darcy Fagundes, Marlene e Ivo Paim).....	22
Figura 6.....	23
Figura 7.....	23



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



para
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Passo Fundo

